

## A infância através do espelho: A criança no adulto, a literatura na psicanálise

Editora Artmed – 2014

*Autor: Celso Gutfreind*

*Resenhado por Maria Lúcia Ferreira Alvarenga<sup>1</sup>*

O livro de Celso Gutfreind se apresenta ao leitor como uma agradável surpresa. Celso é escritor e médico. Talvez possamos dizer que, não à toa, o escritor venha primeiro que o médico. Melhor ainda seria apresentá-lo como um escritor-psicanalista-leitor, ou leitor-escritor-psicanalista. A ordem dos fatores não virá a alterar o produto.

Referindo-se à sua infância e adolescência, Celso sentia-se perdido, sem saber o que fazer da vida. Mas conta-nos que fazia muita “bobagem”, como fumar e escolher profissões que nada tinham a ver com ele. Experimentou engenharia e teatro. Até descobrir que queria ser médico para se especializar em psiquiatria e “dar um jeito nos seus momentos”, que lhe pareciam pouco normais. Como tentativa, lia muito. Lia e buscava em suas leituras alguma representação para seu mundo interno. Nas leituras, buscava ainda companhia. A leitura entrou, portanto, em sua vida precocemente, antes de pensar em qualquer caminho profissional. Com “ela” ao seu lado, embarcou nos caminhos da vida.

Especializou-se em psiquiatria infantil e é psicanalista pela Sociedade de Psicanálise de Porto Alegre. Paralelamente, publicou diversos livros, entre poemas e contos infantojuvenis, vários premiados.

Em seu percurso, foi cada vez mais encontrando sintonia entre a literatura e a psicanálise. Sintonia já narrada, como vem lembrar, nos escritos de Freud, “o pai da coisa, o que começou a coisa toda, juntando literatura e psicanálise”, afinal, sem literatura a psicanálise não teria sido tão bem escrita, afirma.

Entre tantas atividades, adotou para si o Projeto “Adote um Escritor”, direcionado às escolas da periferia, palco de tantas ausências literárias. O projeto tem como premissa o princípio de que a literatura promoverá uma criança mais saudável e feliz, e que a literatura pode preencher vazios presentes na vida dessas crianças, assim como a psicanálise. Celso trabalhou, ainda, em Paris, com crianças em situação de risco, vítimas

<sup>1</sup> Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília.

de maus-tratos, onde a literatura contribuiu, no processo do contar histórias, para a formação de novos vínculos, sendo, nesse sentido, terapêutica na elaboração de traumas vividos por essas crianças.

Onde há encontro algo funciona. Assim é entre o leitor e a literatura, entre o paciente e o analista. A partir do encontro, histórias são contadas, recontadas e representadas no universo psíquico de cada um. Contar é preciso. Adoecer é não ter como dizer. “O objetivo é expressar, a cada experiência no consultório e fora dele, o quanto a psicanálise bebe, come e respira do literário e vice-versa.” Desse casamento, desenvolve-se o humano. O narrar permite respirar. Com o nascimento, adquirimos a primeira chance para esse respirar, a literatura oferece a segunda chance e a psicanálise, uma terceira. Todos representando momentos vitais de respiração, oxigenação para o narrar e o viver.

O livro é dividido em três partes. A primeira é literária – “Literatura e Psicanálise” –, onde Celso nos conta/reconta alguns clássicos da literatura infantil, sentindo e pensando junto com os leitores, a literatura como motor na construção das primeiras e decisivas representações mentais da infância.

Na segunda parte – “Psicanálise e Literatura” –, o autor esparrama-se em sua própria ficção. Com grande criatividade e humor, inventa histórias, brinca com conceitos psicanalíticos, como quando narra os conflitos entre as instâncias psíquicas, id, ego, superego e ele próprio, Celso, às voltas com esses “amigos”. Em outro bem-humorado conto, imagina o encontro casual de um psicanalista e seu “rival”, um terapeuta cognitivo-comportamental, ambos acompanhados das filhas, testando suas sabedorias e superioridades.

Será na última parte que unirá as duas – “Psicanálise e Literatura: enfim juntas” – integrando-as e refletindo sobre a criação e a escrita de um texto, seja em forma literária ou em uma sessão analítica.

Ao longo de sua escrita, passeia por conceitos teóricos e autores de forma lúdica, como que convidando-os, junto conosco, a participar da brincadeira. Brincar é preciso, narrar é preciso diante de uma vida imprecisa. Mantendo o brincar e o encontro, marcamos pontos a favor do que podemos chamar de “um sentimento de estarmos bem”. Brincando para viver, viver para brincar. E, brincando, nos aventurarmos no mundo da escrita, sem medo de nossas exigências narcísicas de perfeição. “Escrever, no fundo, é como viver. Só o faz quem aceitou que é imperfeito.”

Estamos diante de um livro que narra e nos convida a participar do poético em cada texto. O poético, a literatura e a ficção que nos salva, como que criando uma película protetora contra a destrutividade e o caos, de tanta pulsão destrutiva a que estamos expostos.

A literatura fica. A experiência analítica fica. O livro de Celso ficará como inspiração para a liberdade da criação na experiência do viver humano.

Maria Lúcia Ferreira Alvarenga  
SGAS 910 - Conj. B bloco E -sala 244  
Ed. Mix Park Sul  
Brasília – DF  
70.390-100  
Tel.: (61) 3242-0420  
marialucia11ferreira@gmail.com